

# entrevista



### Entrevista com a Professora Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos

*Interview with Professor Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos*

Autoria: Ana Clara da Costa Carvalho Fernandes

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9718-7522>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6400625181565636>

Coautoria: Bruna Martins Coradini

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2616-9029>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6251700055209727>

Coautoria: Max Luiz Gimenes

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0906-6837>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8730371308635943>

Coautoria: Rafael Bonavina

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9669-7708>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2662388651397242>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.221653>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/221653>

Recebido em: 08/09/2023. Aprovado em: 08/09/2023.

---

### Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 12, n. 23, jul.-dez., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: [opiniaes@usp.br](mailto:opiniaes@usp.br)

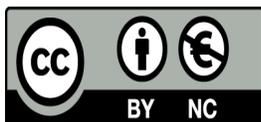
 [fb.com/opiniaes](https://fb.com/opiniaes)  [@revista.opiniaes](https://@revista.opiniaes)

---

### Como citar (ABNT)

FERNANDES, Ana Clara da Costa Carvalho; CORADINI, Bruna Martins; GIMENES, Max Luiz; BONAVINA, Rafael. Entrevista com a professora Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. *Opiniões*, São Paulo, n. 23, pp. 132-142, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.221653>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/221653>.

### Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

# entrevista com a professora sandra guardini teixeira vasconcelos

*Interview with Professor Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos*

**Ana Clara Fernandes<sup>1</sup>**

**Bruna Martins Coradini<sup>2</sup>**

**Max Luiz Gimenes<sup>3</sup>**

**Rafael Bonavina<sup>4</sup>**

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.221653>

**Resumo:** Entrevista com a professora Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, em que ela relembra sua relação com o professor Antonio Candido e discute aspectos da vida e da obra do crítico.

**Palavras-chave:** Antonio Candido. Sandra Vasconcelos. Teoria literária. Literatura comparada. Crítica literária e política.

**Abstract:** Interview with Professor Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, in which she recalls her relationship with Professor Antonio Candido and discusses aspects of the critic's life and work.

**Keywords:** Antonio Candido. Sandra Vasconcelos. Literary theory. Comparative literature. Literary criticism and politics.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura Brasileira pelo DLCV-USP.

<sup>2</sup> Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP).

<sup>3</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP).

<sup>4</sup> Mestrando em Literatura Brasileira pelo DLCV-USP.

## **Opiniões: Como você conheceu o Prof. Antonio Candido? Como foi seu primeiro contato com ele?**

**Profa. Sandra:** Quando eu entrei na Faculdade, na década de 1970, o Prof. Candido estava na ativa, ainda dava aulas e, obviamente, já era quem ele era, quem ele foi. Era um grande nome e eu tive, por acaso... na verdade não foi bem por acaso... Eu entrei na Faculdade com interesse em fazer Português/Inglês, mas na verdade queria mesmo era fazer pós-graduação na área de Literatura Brasileira. Para vocês verem como é que os destinos da pesquisa e os destinos institucionais são estranhos... Eu acabei fazendo meu mestrado e meu doutorado sobre Guimarães Rosa e dou aula de romance inglês, não é? É por isso que eu disse para vocês que tenho o pé nas duas canoas, mas, enfim... Como, justamente, meu interesse maior era Literatura Brasileira, fui procurando fazer... a gente tinha uma grade muito mais amarrada do que ela é hoje... eu fui procurando fazer as disciplinas de todas as literaturas que eu pude fazer: as brasileiras, as portuguesas, a grega... enfim, fui fazendo. E fui fazendo algumas disciplinas de teoria literária que, na época, também havia em muito menor número do que hoje. Hoje a gente tem uma possibilidade maior. Você tem IEL I e II, que são obrigatórias, mas hoje em dia você pode fazer Teorias Críticas, Literatura Comparada... uma série de optativas que você pode fazer no final do curso. Na época a gente não tinha. A gente tinha só Introdução aos Estudos Literários (um ano, obrigatório) e depois tinha um curso, que esse sim era optativo, de Teoria Literária. Para mim, isso era uma coisa que eu tinha o maior interesse em fazer. No primeiro semestre, quem deu a disciplina foi a Profa. Teresa Vara, que se aposentou depois, acho que vocês nunca conseguiram conhecê-la, enfim, ela se aposentou razoavelmente logo... Foi um curso inteiro sobre Auerbach, a gente leu o *Mimesis* o semestre inteiro. E, no segundo semestre, quem deu aula para nós foi Antonio Candido. Foi a última disciplina que ele deu de graduação. Nós éramos oito em sala, então, a gente teve praticamente o que eu chamaria de um curso particular, porque ele sentava ali... a gente tinha aula, na época, nas colmeias... nem tínhamos o prédio de Letras, ainda... o prédio de Letras veio depois, na década de 1980... ele, então, sentava-se ali naquela mesa e a gente se sentava mais ou menos em torno dele, as salas eram grandes, ele pedia para a gente sentar próximo e deu um curso sobre o *New Criticism*, da Nova Crítica, então nós passamos o semestre inteiro lendo textos teóricos do *New Criticism* e fazendo algumas análises e eu me lembro de uma particularmente bem. Ficamos bastante tempo fazendo uma análise com ele do poema do Mário de Andrade, “Louvação da tarde”. Eu tenho essa pasta... eu joguei praticamente quase tudo da minha graduação, porque a gente não consegue também espaço... papel ocupa espaço... algumas pastas eu guardei, as pastas da pós, evidentemente, fiz cursos excelentes... e essa pasta, eu a tenho inteira ainda, com todos os textos que

ele deu. E aí talvez, bom... o prof. Candido tinha uma memória assombrosa, né? E isso foi até o final da vida. E ele, então, tinha assim, acho que uma relação muito carinhosa com os alunos. E, enfim... eu não sei dizer... talvez pelo fato de que fomos alunos dele nessas circunstâncias, dessa classe tão pequenininha, desse grupo tão diminuto, então ele teve oportunidade de estar muito próximo da gente nesse semestre. Isso, somado a essa memória dele, anos e anos depois eu continuei me encontrando com ele de maneira razoavelmente periódica... ele conseguia se lembrar do nome de todos os alunos, de todos os oito... e ele perguntava para a gente, para mim: “Você tem visto Fulano de Tal?”. Quer dizer, nome e sobrenome... Então, isso me deu, primeiro, eu acho que foi um privilégio brutal porque eu era uma aluna de graduação, não estava fazendo pós-graduação. Depois ele se aposentou e deu ainda algumas disciplinas de pós, mas muito poucas. Eu não sei dizer para vocês, eu já não lembro qual foi a circunstância que me permitiu continuar tendo contato com ele, porque o meu contato com ele começou nesse curso de graduação e se manteve até a sua morte. Foram muitas e muitas e muitas as ocasiões em que eu pude estar com ele, conversar com ele e eu era uma das pessoas que podiam ligar para ele e dizer: “Professor, eu queria fazer uma visita ao senhor”. Ele marcava, ele tinha isso, sempre foi... isso não era um privilégio meu... ele era muito, muito atencioso com todo mundo que o procurava. Eu tenho um grande amigo que é italiano e dá aula de Literatura Brasileira e Portuguesa na Itália, e ele também, cada vez que vinha para o Brasil, ligava para Antonio Candido. Eles marcavam, conversavam... Candido tinha esses esquemas de receber as pessoas em um clima completamente informal, de sentar e bater um papo etc. Agora, o que deflagrou isso eu não sei dizer direito, como é que isso começou... Pensando aqui junto com vocês... eu diria que talvez tenha começado por dois vieses diferentes. Primeiro, porque eu fui orientanda da Teresa, que foi orientanda dele. A Teresa Vara foi uma daquelas pessoas, digamos assim, dos alunos dele da primeira leva. Ela foi contemporânea da Walnice, desse pessoal todo que ele formou. E acho que isso dava também uma certa proximidade, porque era como se eu fosse uma espécie de “neta” dele. Ele formou a Teresa e a Teresa era minha orientadora, então isso criou uma possibilidade de contato com ele. O outro vínculo talvez tenha vindo, diria, por conta de um outro professor da USP, o Flávio Aguiar. Então, o Flávio teve um contato ainda muito mais próximo do que o meu, muito mais estreito até... e acho que o Flávio, aí por vários vieses, porque ele também foi orientando da Walnice, portanto... o Flávio foi meu professor na graduação, embora não fosse muito mais velho do que eu. Ele tinha uma relação próxima com o Prof. Candido, por conta da ADUSP, da atuação política... O Flávio também teve uma atuação política muito forte na universidade... Talvez por esse viés também, da ADUSP, na qual eu militei durante bastante tempo. Isso também, de uma certa forma, me aproximava e me dava a possibilidade de contato

com ele. Greves... Vocês devem ter visto várias ocasiões em que os professores sêniores da USP foram convidados a nos dar apoio, isso está tudo documentado... Então, isso tudo foi, na verdade, criando essa aproximação da qual eu me vali, porque, como disse para vocês, desde a graduação até a morte dele eu fui lá várias e várias e várias vezes, às vezes acompanhada do Flávio, às vezes sozinha... E a gente sempre sentava, conversava, conversava, conversava, conversava... e nessas ocasiões é que eu ficava absolutamente impressionada com, quer dizer... aquilo que eu achava que era, como disse para vocês, a memória de nome, de tudo... ele tinha uma memória que era assombrosa, porque a gente era capaz de ficar lá duas ou três horas conversando com ele e ele contava coisas da época de criança, de adolescente, viagens, gente que ele conhecia, com nome e sobrenome... E sempre um papo delicioso, uma conversa interessantíssima, e em muitas dessas conversas também, às vezes, a profa. Gilda estava presente. Dona Gilda vinha, ficava um pouco ali, conversava e de vez em quando ela saía, deixava só a gente. Eu me lembro de quando nós organizamos uma homenagem a ele, foi a homenagem dos 80 anos na Maria Antônia. Por conta disso, também fui várias vezes lá... Tem algumas que são memoráveis, porque eu me lembro de uma vez que a gente foi, acho que dessa vez o Flávio estava junto... ele mostrou para a gente os cadernos dele, em que ele fazia anotações. Hoje esse material está todo no IEB e já em condições de ser pesquisado, de ser manipulado, mas naquela época a gente sabia das anotações, dos famosos cadernos do Prof. Candido, que ninguém sabia o que eram, o que continham. Eu me lembro uma vez que a gente estava em uma mesa, folheando os cadernos, loucos de vontade de falar: “Professor, deixa a gente levar esses cadernos embora!” [risos]. Mal sabia a gente, naquela época, que esses cadernos iam ficar à disposição como estão agora. Ficava todo mundo curioso. O que contém esses cadernos? O que ele leu? Ele leu tudo, mas como ele leu? O que anotou? Ficava uma curiosidade incrível. E aí, uma outra vez, a gente estava conversando, dessa vez eu estava sozinha, e ele comentou qualquer coisa e falou assim para mim: “Vem aqui comigo”. Me levou até o quarto dos fundos do apartamento, porque as primeiras vezes que fui em sua casa, ele ainda morava na Vila Olímpia, em um sobrado, em uma vila mesmo. Depois ele mudou para o apartamento da Joaquim Eugênio de Lima e aí foi lá que ele falou assim: “Vem aqui que eu vou te mostrar uma coisa”. Me levou até um quarto e me mostrou todas as fitas em VHS que ele tinha dos filmes que ele gostava de ver, que agora, se vocês me perguntarem, não sei dizer quais são. Mas o que eu sei é que ele dizia já mais para o final da vida... quando a gente, por exemplo, perguntava para ele: “O que o senhor acha dos estudos pós-coloniais?”. Ele falava assim: “Não posso dizer nada para vocês, porque eu já não leio mais nada do que sai agora, eu só releio e eu não posso dizer nada. Meu grande interesse é ler sobre História”, com letra maiúscula. Ele dizia que tudo o que ele estava lendo nos últimos anos da

vida dele era História, Historiografia. Era nisso que ele tinha interesse. Cada vez que tinha eleição, alguma coisa... ele era super, super discreto, tudo aquilo que ele contava em termos de memória... mil casos, mil histórias que ele tinha vivido, nunca isso incluía qualquer discussão política, da política que envolvesse candidaturas, eleições, ele sempre foi muito discreto. Ele dizia que considerava essa discrição superimportante, porque, basicamente, sabia o peso que tinha e sabia o peso de uma opinião dele. Qualquer coisa que dissesse, o quanto isso ia de fato pesar, podia ou ajudar ou atrapalhar, então ele era discreto nesse sentido. Talvez esse contato também tenha sido facilitado pelo fato de que tanto a Laura quanto a Marina eram professoras da USP, a Laura agora não mais, mas a Marina ainda é... A gente tinha muito contato por causa da Faculdade. Parecia uma coisa meio família, porque os quatro, Dona Gilda, Antonio Candido, a Marina e a Laura, todos os quatro ligados à Faculdade, não apenas à USP, mas à Faculdade, e nós éramos uma espécie de segunda geração daqueles que ele formou e que viraram professores da USP também. Então isso tudo criou uma proximidade, como disse, da qual aproveitei bastante. Era um enorme prazer.

**Opiniões: É maravilhoso ouvir essas histórias e poder conhecer esse outro lado, porque as pessoas às vezes têm uma imagem mais séria do Antonio Candido, e existe também esse outro lado....**

**Profa. Sandra:** Ele era de uma modéstia, assim... Não conheço, talvez, nenhuma pessoa da estatura dele com o tamanho da modéstia que ele tinha. E era uma pessoa carinhosa, como disse, sempre acolhedora, e nunca, nunca, nunca deixava o interlocutor dele desconfortável. Nunca. Então essa figura mais séria é porque ele era mesmo, estava sempre de paletó, sempre super arrumadinho. Quando a gente ia visitar, ele estava sempre impecável, mas tinha esse trato, super afável, super próximo... Depois tive um outro encontro memorável, que está gravado e eu vou usar, inclusive. Vou apresentar uma fala sobre ele na Itália, em outubro. Justamente esse amigo italiano está organizando um congresso lá e me convidou. Eu ia falar sobre Guimarães Rosa e depois ele me pediu para fazer uma apresentação sobre o Candido, estilo homenagem. Eles vão homenagear um crítico português e queriam fazer uma homenagem ao Antonio Candido. Eu fiquei pensando no que fazer e lembrei que eu tenho uma amiga que é, não posso dizer cineasta, ela é *videomaker*, fotógrafa. O SESC Araraquara encomendou para ela um vídeo sobre Dona Gilda, que era uma homenagem à Dona Gilda, e então ela negociou com a família e o fez. Por conta desse vídeo, a gente acabou indo lá e gravou, tem horas de gravação com o Antonio Candido. Em um dia em que a gente estava lá, quem chegou foi o Doutor Mindlin. Tem umas conversas dos dois, eles eram

muito amigos e próximos. Foi também um dia desses, com a Angélica filmando e eu conversando... “vamos fazer um café, um chá...” aí vai para a cozinha, enfim... essa coisa sempre muito acolhedora, como eu falei.

**Opiniões: Ainda sobre esse lado de Antonio Candido como professor, você tinha comentado que fez aquela disciplina sobre o *New Criticism*. Será que poderia falar um pouco mais sobre o que lembra daquelas aulas? Se quiser falar um pouco também sobre a leitura do poema do Mário de Andrade...**

**Profa. Sandra:** Eu não vou me lembrar, imagina, isso faz muito tempo [risos]. Vai fazer 50 anos... Foi em 1975, vocês não tinham nem nascido. Ia demorar muito para vocês nascerem! Eu não lembro de detalhes, mas me lembro, por exemplo, eu tenho uma memória mais fotográfica. Então me lembro do texto do “Louvação da tarde” todo anotado, porque ele ia falando e a gente ia fazendo anotações. Eu tenho duas pastas aqui que ele me deu de material, porque quando ele descobriu que eu estava estudando... foram várias coisas... o curso de *New Criticism* eu não me lembro de detalhes, agora o que eu posso dizer para vocês é que foi para mim um curso de fundamento, daquilo que bota um pilar, uma fundação para você construir um modo de ler etc. E, com isso, dava para entender também o quanto ele absorveu do *New Criticism* e como ele vai incorporar isso na crítica dele, no modo como ele lê. As pastas, por acaso estão aqui... [pausa para pegá-las na estante]

**Opiniões: Você pretende preservar isso de alguma maneira especial?**

**Profa. Sandra:** Acho que não precisa, porque, na verdade, não tem risco... Olha, “Textos do Antonio Candido” [mostrando uma de suas pastas]. Vou mostrar para vocês o que ele me deu de presente. Quando ele descobriu que eu estava estudando... Eu vou dizer de uma maneira bem fluida... não existe o conceito de “teoria literária” no século XVIII, mas há um bom tanto de reflexão sobre o romance no século XVIII e ele sabia que eu estava estudando isso... e, então, ele me deu essas pastas [mostrando os materiais], que eu só vou ceder para o IEB quando eu morrer. No momento não vou dar nada, porque isso ele deu para mim. São várias pastas... isso aqui são estudos que ele fez na Biblioteca de Yale quando foi para lá. Isso aqui é um texto... vejam que eu nem mexi no envelope, está do jeito que ele me deu, está velhinho... Esse aqui é um texto da Clara Reeve, do século XVIII também, um dos primeiros momentos de pensar a questão do romance. Ele me deu esse aqui do Murray, *The Morality of Fiction*, e tudo aquilo que ele fez de pesquisa nessa biblioteca. São seis pastas que, como disse, vão ficar para o IEB

juntar com o material dele quando eu morrer. Eu tenho coisas dele autografadas, por exemplo o ensaio “Dialética da Malandragem”, que saiu pela primeira vez como separata e ele me deu com dedicatória, tenho essas coisas... Estou guardando aqui... Além dos cadernos, xerox... ele punha os xerox dentro de envelopes de papel pardo e está tudo anotadinho, de onde tirou, as referências bibliográficas, super organizado. Aí você percebe como que a pessoa vai organizando a pesquisa... Vocês viram a exposição Ocupação Antonio Candido? Então vocês viram as anotações para as aulas da “Dialética da malandragem”, do Manuel Antonio de Almeida... Tanto que, algumas das publicações, como *O estudo analítico do poema*, era tudo anotação de aula. Foi publicado... de uma organização! Acho que isso explica também, não sei... eu não sei o que é causa e o que é consequência... [risos] se a cabeça organizada da pessoa é resultado dessa organização da pesquisa ou se isso reflete uma cabeça organizada... A aula dele era uma aula assim límpida... Alguns de vocês chegaram a participar de alguma apresentação pública dele?

**Opiniões [Rafael]:** Eu cheguei a participar de uma, mas era muito difícil vê-lo, porque tínhamos que ficar na janela, as pessoas tomavam a sala inteira...

**Opiniões [Max]:** Eu tive o privilégio de organizar, em 2012, uma Semana de Ciências Sociais em que havia uma homenagem a ele e eu fiquei na mesa, representando o centro acadêmico. Inicialmente, ele não falaria, porque era uma homenagem, em que falariam outros professores, o Prof. Flávio Aguiar e o Prof. Luiz Jackson, mas quando soube que os alunos iam homenageá-lo ele fez questão de ir pessoalmente, aí acabou fazendo uma saudação. Foi lindo. Eu acho que você estava... tem fotos...

**Prof. Sandra:** Eu estava sempre. Toda vez que ele ia falar, eu estava. Teve uma que foi naquela sala grande das Ciências Sociais, uma no andar de baixo...

**Opiniões [Max]:** A sala 14.

**Profa. Sandra:** Não tinha uma mesa composta... acho que foi uma outra coisa que ele fez... quando terminou a sala estava super... tinha gente saindo... tinha um em cima do outro... foi nesse dia que quando acabou formou-se uma fila de alunos para pedir autógrafa para ele?

**Opiniões [Max]:** Acho que sim...

**Profa. Sandra:** Tinha fila para pedir autógrafos, fotos... Já tinha celular... Teve um outro também, lá no IEB, uma homenagem ao Sérgio Buarque do Holanda, no aniversário do IEB, antes de o IEB mudar, ainda nas Colmeias... todo mundo apertadinho naquele corredor [risos]... Então me espanta muito... eu tento compreender, não no sentido de aceitar, mas queria entender o que se passa na cabeça das pessoas a ponto de elas imaginarem que... o que o Candido faz? Ele junta o que tem de melhor na sociologia e na historiografia e na história, com o que tem de melhor na crítica e na teoria literária... Junta essas duas coisas, porque você não pode fazer sociologia da literatura, que não é crítica literária, é outra coisa... e você não pode fazer só uma análise literária sem levar em conta o contexto, porque o texto não está no vazio, não está numa espécie de mundo ideal de formas... Então, onde está o problema? O que eu tento entender é o que incomoda as pessoas nessa crítica... Para mim é um pouco incompreensível, para dizer bem a verdade.

**Opiniões: Em 1962, Antonio Candido mudou o nome da cadeira de Teoria Geral da Literatura para Teoria Literária e Literatura Comparada e isso não teria sido casual. Que convicções em relação à concepção e à abordagem de literatura estariam por trás dessa mudança de nome?**

**Profa. Sandra:** Não sei dizer por que em 1962 eu estava fazendo o ginásio... [risos] Estou brincando. Quando eu entrei na Faculdade, Teoria Literária não era sequer um departamento, era uma disciplina dentro do Departamento de Línguas Orientais, do DLO. Depois é que teve a separação, nem lembro em que ano... eu, com essas coisas de data, coisas institucionais, não funciono muito bem... Se você ler *Recortes*, tem um texto que se chama “Literatura comparada”. Nesse texto, ele diz tudo quando afirma: “Fazer literatura brasileira é fazer literatura comparada”. Então, na verdade, eu parto do pressuposto de que se você pensar bem... aí já sou eu interpretando alguma coisa a partir das minhas leituras do Candido e do que eu conheço da produção crítica dele, não posso responder o que estaria na cabeça dele... Se você prestar atenção na *Formação da Literatura Brasileira*, de 1959, quando ele propõe a noção de “sistema”, ele na verdade está pensando nessa relação, como dizem, a relação dinâmica entre autor-obra-público, mas não está restringindo isso à literatura brasileira, porque se você ler esse livro com bastante atenção verá quanto de citação de autores estrangeiros tem ali. Então, se você for pensar que a literatura brasileira se constitui a partir dessa tríade e, portanto, só podemos falar em literatura brasileira a partir dos arcades e, logo em seguida, no século XIX, você tem uma literatura que está inserida em uma literatura geral. O aporte de autores estrangeiros no século XIX no Brasil é enorme... eu fiz essa

pesquisa, em relação aos autores ingleses que circularam aqui durante o século XIX. Eu tenho um quadro, não só dos romancistas ingleses, mas poetas e de outras origens também, não só ingleses, mas franceses, alemães, espanhóis, portugueses etc. Então, a literatura brasileira já nasce em conversa, em diálogo com essa literatura estrangeira. Então acho que não faz sentido... Você pode pensar na teoria literária porque tem a questão teórica, que tem sua configuração e seus problemas, agora a literatura, na verdade, está circulando o tempo inteiro, não tem fronteira nacional... Inclusive aqui quem ajuda muito a pensar isso é o Franco Moretti. A ideia de que, dentro do sistema capitalista, está na lógica do sistema a circulação de bens, e o livro é um produto... qualquer livro, não só de literatura, mas qualquer obra de qualquer campo do saber... Então podemos pensar em termos de literatura nacional, que isso também foi uma questão, enquanto as nações se constituem enquanto tal elas criam uma literatura própria, mas essa literatura própria nunca foi exclusivamente nacional. Penso que, então, fazia muito sentido ele agregar, vamos dizer, como parte... que a literatura comparada não prevê o estudo apenas de comparar uma literatura com a outra, mas você pode fazer uma espécie de um mapeamento de questões, de um ponto de vista comparado.

**Opiniões:** No final do artigo “Catástrofe e sobrevivência em *Heart of darkness*”, você faz um comentário sobre a mudança no título do ensaio de Antonio Candido, que era “Exotismo e aventura em Conrad” na versão original de 1957 e vira “Catástrofe e sobrevivência em *Heart of darkness*” quando é reunido em livro em 1964, o que responderia a um contexto de politização...

**Profa. Sandra:** Isso é uma hipótese minha...

**Opiniões:** Você poderia comentar essa hipótese e eventualmente até dar outros exemplos desse tipo de tomada de posição indireta através da crítica literária?

**Profa. Sandra:** Se a gente for pensar nessa ideia da política, eliminando ou deixando de lado a questão da política partidária, da militância, eu diria que a obra inteira do Candido é percorrida pela política. Sempre tem um posicionamento dele. Esse posicionamento aparece também no modo como ele lê os textos. Agora acabou de me ocorrer uma frase que está no “De cortiço a cortiço”... eu adoro essa frase... [pausa para pegar o livro] Olha só, não é a mesma, mas... ele termina o item 7 do ensaio dizendo: “Como sempre, quando a Europa diz ‘mata’ o Brasil diz ‘esfola’”. Não precisa ele dizer nada... Você poderia dizer que “O direito à

literatura” é um texto de circunstância, então ali tem um posicionamento, mas na crítica literária o modo como ele trabalha os textos e as questões que ele traz à tona têm sempre esse caráter político, quer dizer, ele nunca deixa de lado essas questões que dizem respeito à nossa experiência histórica. Vamos pensar da seguinte forma... seria necessário... seria esperado que, em um texto de crítica literária, um crítico dissesse isso, escrevesse alguma coisa nesses termos? Não... Então ele está de fato fazendo aqui uma comparação... Olha como entra a questão da literatura comparada nesse texto... ele parte do naturalismo francês para estudar *O cortiço* do Aluísio de Azevedo e depois ainda aparece com esse dito: “No Brasil costumam dizer que para o escravo são necessários três PPP”... De onde que ele vai tirar isso? Então eu diria que, de maneira geral, os textos têm esse caráter, mesmo quando ele está supostamente falando só de literatura. Na medida em que ele está pensando a questão do contexto, não tem como não ter um posicionamento político. É uma embocadura, um modo de ler que traz à tona essas questões que são fundas no Brasil... Esses dois ensaios do Candido, “Dialética da malandragem” e “De cortiço a cortiço”, são para aprendermos como é que se faz, o que precisa fazer para fazer um ensaio, o que precisa mobilizar... “Dialética da malandragem” é um mini doutorado ou mini mestrado, porque ele começa fazendo um apanhado da crítica, como a crítica discutiu *Memórias de um sargento de milícias*, e aí ele vai desenvolvendo, por que não é um romance documentário, por que não é picaresco... Nisso ele já fez a literatura comparada também... Ele vai pegando... e tudo com ponto de interrogação, porque ele é fino... vai pegando essas categorias e vai discutindo até “botar a sementinha” dele ali na terra, fazendo a leitura que ele precisa fazer. Para isso, ele fez a análise do texto, análise fina do texto e mobilizou toda a historiografia da época... É genial... Achei a frase: “Uma espécie de gíria ideológica de classe com toda a tradicional grosseria da gente fina”. Se isso aqui não é o Brasil...

**Opiniões:** De maneira muito fina ele mistura ética e estética...

**Profa. Sandra:** Muito, muito, muito... Como a gente diz, tudo de uma clareza extremamente profunda, pois a hora que você começa a ler o texto e começa a cavoucar, você vê o quanto tem ali de coisa... Tem gente que gosta de escrever difícil... Agora o Candido tem isso, é de uma transparência, de uma clareza... Isso não é de forma nenhuma simplificação, não tem nada de simplificação, é de uma clareza extraordinária.